



CAÁLA
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

DEPARTAMENTO DE ENSINO INVESTIGAÇÃO E PRODUÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EVALINDA VASSOLE CANIVETE

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO E
VALORIZAÇÃO DA RITOS FUNÉBRES NA CULTURA UMBUNDU MUNICÍPIO
CAÁLA**

CAÁLA/2023

EVALINDA VASSOLE CANIVETE

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO E
VALORIZAÇÃO DA RITOS FUNÉBRES NA CULTURA UMBUNDU MUNICÍPIO
CAÁLA.**

Projecto de pesquisa a ser apresentado ao Departamento de Ensino e Investigação em História, do Instituto Superior da Caála, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de História.

Orientador: Mário Chiendongo Vasco, Lic.

CAÁLA/2023

O presente relatório é dedicado aos meus pais, Justino Helder e Rosa Vateñgala;

À minha colega de caminhada e amiga Cecília Navange Caminha de Ferro que já se encontra na glória celeste;

Ao meu esposo e filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da vida e pela sua presença sempre constante e confiança para seguir em frente na busca dos meus sonhos como este que hoje se realiza;

Ao Instituto Superior Politécnico da Caála, na pessoa do Dr. Helder Lucas Chipindo, o Departamento de Investigação Ensino em História, ao Coordenador, Anacleto Rodrigues Pessô Muecália, ao Colectivo de Professor que congregam o Instituto principalmente o curso de História.

Manifesto os meus mais sinceros agradecimentos à todos aqueles que contribuíram decisivamente para a realização deste projecto de fim de curso, destacadamente:

Os meus pais, José Lulua, de feliz memória e Rosalina Nacateque, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida assim como pelo apoio, amor e dedicação inabalável, valores que me animaram a lutar cada vez mais para a conquista dos meus sonhos com coragem e determinação;

Ao meu prestimoso esposo, Guilherme Canivete que de modo incansável sempre me dando forças nos momentos mais difíceis. Aos meus amados filhos, Ambrosio Canivete, Helena Mara Canivete, Rosa Evalinda Canivete, Justino Helder Canivete pelo encorajamento e incentivo no cumprimento das etapas da vida estudantil.

Um agradecimento especial ao meu orientador Dr. Mário Vasco, pelo valioso contributo e auxílio na realização deste trabalho;

Aos meus irmãos, Hilária Domingas, Ana Jamba, Rosa Vateñgala, Isáías, Nanga, Moises Dias que sempre estiveram comigo abraçando a minha caminhada em busca das minhas conquistas;

Aos meus amigos colegas que conquistei no ISPCaála, Eugénia Torres Dias, Feliciano Evamba Bongue, Silvestre Cawanga, Esperança Bongo, Adriano Chingala, Delfina Chingondo;

À direcção e aos professores do ISPCaála, especialmente aos digníssimo padre Anacleto R. P. Muecália, Dr. Frederico Capuca, endereço a minha sempiterna gratidão.

LISTA DE GRÁFICOS/TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos participantes na pesquisa por género e por idade

Gráfico 1. Caracterização dos participantes por estrato social

Gráfico 2. Já assistiu um acto fúnebre?

Gráfico 3. Qual tem sido o comportamento dos cidadãos nos actos fúnebres?

ABREVIATURAS/SIGLAS

Ed.....Edição

P.....Pagina

V.....Volume

SP.....São Paulo

RESUMO

Este trabalho visou contribuir para a moralização da sociedade angolana e ao mesmo tempo, representa um instrumento para empreender, criando um centro cultural de apoio social e empresa com vários serviços. A alteração dos códigos culturais próprios dos povos ovimbundu por via das redes globalizantes e do contacto com outros povos reflecte-se no desrespeito aos mortos que se traduz na fraca valorização pressupostos culturais nos actos fúnebres, pondo em causa o significado simbólico da morte para esse povo enquanto ritual. Procuramos propor estratégias da valorização cultural nos actos funébre entre os povos ovimbundu no município da caála, comuna sede que passa por incluir as novas gerações através de debates e palestras com os mais velhos, de modo a rebuscar os valores do passado num espaço cultural de estilo Ondjango. Dentre os factores que estão na base dos maus comportamentos de certas pessoas em actos fúnebres, menciona-se a falta do conhecimento do significado simbólico deste acto, a falta de solidariedade entre as pessoas e a falta dos espaços onde se fale mais da cultura dos povos ovimbundu que integra seus rituais, bem como a falta de transmissão dos valores dos mais velhos aos mais novos, sem pormos de parte o surgimento de uma sociedade globalizada, assim como a falta da consciência de que este é, sem dúvidas o destino final de todos. A pesquisa é qualitativa e mostra como devemos encontrar um modelo para a conservação dos valores tradicionais próprios do ovimbundu, num contexto de corrente da modernidade para um sentido ético nestas situações.

Palavras-chave: ritual funerário, cultura, valores e povos ovimbundu.

ABSTRACT

This work aimed to contribute to the moralization of Angolan society and, at the same time, represents an instrument to undertake, creating a cultural center of social support and a company with various services. The change in the cultural codes of the Ovimbundu peoples through globalizing networks and contact with other peoples is reflected in the disrespect for the dead, which translates into the poor appreciation of cultural assumptions in funeral acts, calling into question the symbolic meaning of death for these people. As a ritual. We seek to propose strategies for cultural enhancement in funeral ceremonies among the Ovimbundu peoples in the municipality of Caála, the headquarter commune that involves including the new generations through debates and lectures with the elderly, in order to explore the values of the past in a cultural space of style Ondjango. Among the factors that underlie the bad behavior of certain people in funeral ceremonies, mention is made of the lack of knowledge of the symbolic meaning of this act, the lack of solidarity between people and the lack of spaces where more people's culture is spoken. ovimbundu that is part of their rituals, as well as the lack of transmission of values from the oldest to the youngest, without putting aside the emergence of a globalized society, as well as the lack of awareness that this is, without a doubt, the final destination of all . The research is qualitative and shows how we must find a model for the conservation of the traditional values of the ovimbundu, in a context arising from modernity for an ethical sense in these situations.

Key words: funerary ritual, cultural center, values and Ovimbundu peoples.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Descrição da Situação problemática	10
1.2. Objectivos:	11
1.3. Contribuição do Trabalho	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPIRICO	12
2.1. Delimitação geográfica do município da cáala.	25
2.2. Origem dos Ovimbundu	12
2.3. Conceitos; Cultura, Morte	12
2.3.1. Cultura	12
2.3.2. Morte	13
2.4. Choro fúnebre	13
2.5. Enterro	14
2.6. Luto	14
2.7. Ritualização da morte na cultura umbundu	15
2.8. O Significado Simbólico dos Ritos Funerários nos Ovimbundu	16
2.9. Funeral	16
2.10. Os Ritos Funebres na Cultura Ovimbundu	17
2.11. Utilidade dos Ritos Fúnebres	20
2.12. Função social dos ritos funebres	21
2.13. Valor comunicativo dos ritos funebres	22
2.14. Função educativo dos ritos funebres	22
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1. Métodos Teóricos	24
3.2. Métodos Empíricos	24
4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
5. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO	29
6. CONCLUSÕES	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos temos vindo a registar cada vez mais uma grande ruptura comportamental nos actos funerários, o que contradizem aos nossos valores étnico – culturais. Pretendemos abordar este tema para darmos contributo na moralização das nossas comunidades e sociedades, afim de termos uma convivência sã e dentro dos parâmetros socioculturais na etnia ovimbundu. Porém, é papel dos mais velhos, pais e encarregadoss de educação, académicos, estudiosos, entidades governamentais e eclesiásticas e anciãos famílias, desempenhar um papel importante, de formas a olhar para a organização e moralização das novas gerações para se mostrar a importância da valorização dos nossos defuntos e dos locais onde estes repousam.

É nossa pretensão contribuir para moralização da nossa sociedade ao mesmo tempo que estaremos a empreender criando um centro cultural de apoio social e empresa com vários serviços. Os ritos funerários nos povos Ovimbundu da caála estão em extinção e não expressam os valores culturais próprios de uma instituição socio-cultural secular; deste modo, as várias etapas dos ritos funerários quando bem evidenciadas garantem o devido simbolismo e a espiritualidade inerente a cada uma delas;

A partir do problema identificado, impõe-se uma busca de solução. Esta aparece evidenciada na proposta de um espaço de carácter social e de lazer onde se poderá, através de debates, exposições, palestras e conferências passar medidas de reconstrução da nossa identidade no plano dos valores com maior insidência ao ritual funerário entre os povos ovimbundu. Por isso, concebeu-se um projecto de negócio estruturado com o devido reconhecimento das fraquezas e ameaças, bem as oportunidades e os pontos fortes bem delineados.

1.1. Descrição da Situação problemática

Com o fluxo de informações que surgem de forma rápida e vertiginosos gerados pelo curso da globalização, assiste-se ao surgimento de um processo de hibridismo cultural e quando certas culturas não se conformam com certos valores que recebem por esta via, o fenómeno resulta num choque de culturas e, em consenquência, temos a crise de valores culturais (tradicionalis). Em Angola, devido ao conflito armado da guerra civil que deflagrou o país durante perto de trinta anos, houve imigrações de vários de lugares, o que permitiu a troca de hábitos costumes e alguns povos viram-se a colocar de parte muitos dos seus hábitos e assimilar os dos outros, sem contar, contudo com as desforras do colonialismo. Em sede disso, surge-nos

a necessidade de questionarmos determinados comportamentos inadequados que certas pessoas adoptam em actos fúnebres e entendermos o que tal representa na escala dos valores culturais dos povos ovimbundu do município da Caála, onde a morte é tida por crença como um ritual de carácter transitório (se se entender que surgem dentro de uma ordem seqüencial com um princípio, um meio e um fim), tais momentos podem ser, igualmente, partes de um conjunto ritual, também ele transitório, demarcando uma etapa do percurso de uma vida.

1.2. Objectivos:

Geral:

Propor a criação de um centro que visa a divulgação e a valorização dos ritos fúnebres na cultura umbundo no município da caála.

Específicos:

1. Identificar os factores que estão na base dos maus comportamentos de certas pessoas em actos fúnebres;
2. Demonstrar a importância nos actos funerários e cemitérios decorrentes no município da Caála, de modo a conservarmos a nossa idade cultural;
3. Elaborar acções que visam as boas práticas dos povos da etnia dos Ovimbundu representa a conservação da própria espécie humana;

1.3. Contribuição do Trabalho

O presente trabalho de relatório de final de curso, que tratar sobre divulgação e a valorização da cultura nos actos funebres dos povos ovimbundu no município da Caála, é de extrema importância porque visa proporcionar maior leque de informações sobre o verdadeiro significado do respeito que se deve ter em actos fúnebres na etnia dos Ovimbundu, através de palestras sobretudo na criação do centro onde teremos um consultório cultural que fornecerá serviços ligados a moralização das populações face aos actos fúnebres, isto é, na maior pretensão de se minimizar as constantes violações nos actos fúnebres, de modos resgatar a identidade cultural nos seio dos municipes e não só.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPIRICO

2.1. Origem dos Ovimbundu

Referimos neste ponto, a origem dos povos *Bantu* e Ovimbundu. De acordo com Figueira (1938, p.11)

“o termo *Bantu* foi utilizado pela primeira vez na *Comparative Grammar of South African Languages* de Bleek em 1867. Ainda o mesmo autor diz que em quicongo, *Bantu* e o plural de *muntu* (pessoa), no umbundu - *omanu* e o plural de *omunu* (pessoa). O termo *Bantu* e também utilizado para se referir a origem das línguas dos povos africanos que têm como base a raiz *ntu* como designativo do ser, gente ou pessoa. Ainda Figueira (1938, p.11) adianta que os Bantu são “habitantes da África Negra, desde as zonas de influência equatorial ao Cabo da Boa Esperança - a Cape Town”.

Segundo a teoria, os ancestrais dos povos Bantu eram habitantes da confluência do rio Benue e Camarões que migraram para o Leste e Sul do continente africano. Silva (1996, p.449, citado por LOPES, 2011, p.36), afirma que “os ancestrais dos povos que hoje habitam ao sul, a sudeste e a sudoeste da confluência do rio Benue e Níger, como iorubas, edos, nupes e ibos, etc., vivem nessa região provavelmente há milhares de anos”.

REDINHA (1975, p.7) afirma que a “composição étnica dos Bantos Ocidentais apresenta traços nigerianos e camaroneses na sua zona noroeste, e fusões importantes de sangue etíope, e fortes marcas dos Camitas Orientais nos Grupos do Sudoeste”. O movimento migratório Bantu aconteceu entre 1000 antes de Cristo e 1100 depois de Cristo. Por conseguinte, há diferentes opiniões sobre a possível origem dos Bantu.

2.2. Conceitos; Cultura, Morte

2.2.1. Cultura

Sendo a cultura a principal identidade de um povo, os ovimbundu, possuem hábitos e costumes próprios, que os indentifica no seio de outros povos.

Possuem língua própria, costumes, valores específicos, que os caracterizam, estes por sua vez manifestam-se na sua convivência e interação com outros povos. Transmitem-se os valores de geração em geração, através das manifestações culturais, assimiladas e passadas de pais para filhos, constituindo assim um grande património cultural, (ALTUNA, 2006) . Desde muito cedo os povos Ovimbundu primaram em actividades recreativas, culturais próprias não fugindo a regra das demais, que caracterizam as sociedades Ovimbundu, é assim que possuem danças próprias que os caracteriza em determinadas manifestações culturais, tais como:

1. Eyele (festa que se organiza anualmente para dignificar o poder e dedicar as sementes para campanha agrícola).

2. Onjevo (caça grossa que se organiza para determinar a sorte do Soba em prol da sua comunidade).
3. Evamba ou Ekuenje (evento de circuncisão que o soba deve realizar periodicamente), Tchingangí, (ALTUNA, 2006).

2.2.2. Morte

Conforme já foi dito anteriormente, a morte em diversas culturas em épocas diferentes foi abominada pelo homem. A morte ainda constitui um acontecimento pavoroso nos dias de hoje. É considerada um tabu, causadora de medo, pânico, e negação. A morte, além de gerar uma grande angústia, coloca o homem diante da questão de sua própria finitude. Considerando a sociedade contemporânea, a vida humana é reafirmada através da confirmação de suas potencialidades, o homem de grandes realizações, de grandes construções e feitos extraordinários, ao mesmo tempo em que alimenta a sua auto-estima e conseqüentemente a vida, coloca a morte num lugar distante. A idéia de narcisismo permite ao homem o "status" de semi-deus, para este quem morre é o outro, o colega, o vizinho. Segundo Maranhão (1998, p.66), o pensamento da morte “não corresponde à imagem de nossa própria morte; a imagem de nossa morte escapa à nossa capacidade de representação”. Sempre que o homem tenta, imaginativamente, se ver como morto jamais consegue eliminar o seu “eu”, visto que ele permanece precisamente como expectador. De forma paradoxal, para se imaginar morto é preciso estar vivo.

GILES (1989) esclarece ainda que a morte, enquanto fim da existência no sentido autêntico de fim, sempre está presente na existência humana. Mas a morte, uma vez entendida realmente como essa possibilidade, leva o Ser-aí a toma o primeiro passo em direção a uma existência autêntica. Defrontando a morte como possível a qualquer momento, o Ser-aí é retirado do contexto da vida banal e restaurado a si mesmo como aquele que deve e que pode enfrentar-se com a morte sem máscaras. Acrescenta Françoise (2002) que é esse estranho conhecimento de seu próprio fim que cada um tem com certeza, e que não é semelhante a nenhum outro saber. Assim, torna-se possível um discurso não sobre a morte, mas sobre a relação que o indivíduo mantém com sua própria mortalidade. Ainda segundo Françoise (idem), esse discurso, é propriamente fenomenológico, já que é um discurso sobre o apresentar-se a si mesmo do caráter findo de sua própria existência.

2.3. Choro fúnebre

O choro ritualizado de tom alto com vozes ásperas, brandas ou comoventes traduzem um significado simbólico de sentimento, sofrimento, exaltação da vida do defunto e despedida.

O choro arrepiante conserva um equilíbrio entre a expressão sentida de dor e um acto ritual. O choro é considerado «rito cerimonial», é usado só no caso da morte. Quando alguém por outra razão chora, vêm-lhe as lágrimas aos olhos, mas não ao tom do óbito. Os Ovimbundu entendem que desconher os ritos funerários significa ignorar a sua rica demanda cultural (DIAS, 2010, sp).

2.4. Enterro

O cadáver não deve ser abandonado como de um animal se tratasse. É enterrado num cemitério familiar ou da aldeia. O enterro impõe um ritual de posicionamento do cadáver na sepultura em relação ao nascer ou opôr-se do sol. Os Ovimbundu são ritualmente sepultados com a cabeça virada para o nascente do sol, considerado como o ponto místico dos seus antepassados, aspecto que se assemelha na cultura Handa, um subgrupo Nyaneca (MELO, 2008, p.13).

O enterro ritual tem um significado simbólico de que os seus antepassados míticos transmitem tranquilidade à alma para um decanço em paz de espírito nesta postura.

Segundo LIMA (1999, p. 6) a consciência da vida é acompanhada com a morte. Para que exista morte é necessário que haja vida. Assim o enterro dos mortos é a crença em pós-vida, uma sobrevivência por um tempo, na identidade pessoal para além da morte. O objectivo deste rito ancestral é para pedir um favor especial ou de assistência que pode ser concedido pelos poderosos espíritos, garantir o contínuo bem-estar e disposição positiva em relação à vida, e a crença em pós-vida.

A sepultura dos mortos é a manifestação da crença dos homens na imortalidade, isto é, na reconstituição da alma para além da morte, o que significa que o ritual é o lado activo da religião (MARKONI e LAKATO, 1999, p.83).

A sepultura dos mortos não só glórfica o defundo e o homeagea, sinaliza a relação entre o corpo e o espírito, o fim da transição que estimula a estabilização entre o mundo visível e invisível, também promove a manutenção da ordem social (MELO, 2008, p. 14).

2.5. Luto

A cerimónia final do óbito corresponde com a tirada do luto. Para os Ovimbundu vestir-se de roupa preta com rigor demonstra às pessoas a perda de alguém, isto é, o luto. A roupa preta (fumo) tem como argumento que o defundo não os reconheça na escuridão O trajar roupas

pretas usualmente tem um significado simbólico de tristeza, solidão e sofrimento. O luto exprime socialmente a inadaptação individual à morte e ao mesmo tempo é um processo social de adaptação que tenda fazer cicatrizar a ferida dos indivíduos que sobrevivem (AMORIM, 1988, p.75).

2.6. Ritualização da morte na cultura umbundu

Ritual é um processo continuado de actividades organizadas sujeitas a práticas relacionadas aos ritos, que abrangem cultos, doutrinas e seitas, encontrada em todas as esferas vida cultural.

O rito é compreendido como um sistema cultural de comunicação simbólica constituído de consequências ordenadas e padronizadas de palavras e actos, expressos por múltiplos meios, com conteúdos diferenciados por graus variados de formalidade ou convencionalidade, estereotipia ou rigidez, condensação ou fusão e redundância ou repetição (RODOLPHO, s/d, p. 142).

Segundo Jean Pierre Bayard (s/d), o rito funerário é a relação teatralizada e deradeira com o morto no sentido de fazer-lhe mensão honrosa e de dar aos seus o consolo de que a vida não se extinguiu de todo, pois lhes assegura haver uma vida algures (DANIEL, 2014, p. 20).

A morte é caracterizada pelo mistério, pelo medo, pela incerteza do que pode existir, porque os que experimetaram nunca voltaram para esclarecer aos que ficaram. Todas essas características da morte desafiam as diversas culturas que buscam respostas á ritos, filosofia, religião, arte, música para compreender o desconhecido fim e remediar a angústia gerada pela morte (FELICIANO, 2008, p.1).

Para SARAIVA (2004, p.119) o tratamento do cadáver varia de acordo a concepção da vida, da morte e performances rituais. A morte produz emoções complexas e contraditórias, apesar das suas similitudes em diferentes contextos sociais e culturais o rito está sempre presente.

Segundo METCALF e HUNTINGTON (1991) os ritos funerários variam de uma cultura a outra, assim alguns cadaveres são enterrados ou queimados, outros embalsamados ou defumados, ainda outros deixados apodrecer ritualmente expostos como coisa imunda ou abandonada (MELO, 2008, p.3).

2.7. O Significado Simbólico dos Ritos Funerários nos Ovimbundu

Existem várias cerimônias rituais de muito interesse, mas a da morte representa grande simbolismo nos Ovimbundu do Huambo e não só, por encerrar um profundo valor ritualístico na conservação de aspectos sagrados que ligam o mundo visível e o invisível, de acordo com a cultura Ovimbundu.

Os Ovimbundu admitem que a violação dos ritos instala uma desordem no seio familiar e polui a comunidade, traz uma “ofensa contra a ordem social”, porque os espíritos não foram submetidos aos rituais, não tendo paz, vão diabulando, poluindo o meio social e perturbar a vida dos vivos (MELO, 2008, p.19).

A mesma autora Melo (2008), descreve o cenário vivenciado pelas mulheres quando confrontadas com práticas alternativas dos ritos, durante a guerra civil em Angola, o que chamou de “limite do pesar”, algo invisível, não palpável, mas está expresso no seu olhar, na atitude, nas palavras e nos gestos (Ibn, p. 19).

Os Ovimbundu admitem que os ritos funerários são prestigiosas ferrametas que devem ser usadas com responsabilidade devida e consciência, porque são manifestações que fazem crer no além-túmulo (MACHADO & MAURÍCIO, p. 20)

Nesta perspectiva vamos analisar os significados simbólicos das várias etapas ou fases dos ritos funerários: Funeral, Choro fúnebre, Enterro, Luto e os Rituais de Limpeza e Purificação.

2.8. Funeral

Os ritos funerários são variados, de acordo a cultura e as diversas concepções da imaginação do homem quanto ao seu destino. As práticas funerárias tendem em proporcionar ajuda na boa passagem, conceder à alma a tranquilidade merecida para não vagar entre os vivos. Em alguns casos os defuntos são sepultados com os seus haveres como roupas, alimentos, utensílios, cavalos para não perseguirem os vivos (AMORIM, 1988, p.31).

A morte é uma inadaptação que permite e condiciona a individualização e a adaptação constitui uma abertura as participações sociais (AMORIM, 1988, p.75).

Ainda sobre o funeral, MELO (2008, p.13) diz-nos que o mesmo demonstra que a afluência da multidão ao funeral tem um significado simbólico, de estabelecer o último contacto com o defundo, despedir-se da convivência terrena, consolidar as relações entre membros da

comunidade, solidificar os laços de parentesco, apaziguar os espírito, acompanhar o defundo para sua nova morada onde poderá viver definitivamente em paz e não voltar à comunidade para perturbar a ordem, causando como exemplo dor, seca, doença e morte.

2.9. Os Ritos Funebres na Cultura Ovimbundu

A abordagem do assunto, é aqui antecedida por mais uma prévia sobre o povo Ovimbundu e a região da caála. Os Ovimbundu da caála, historicamente conhecido pela língua, cultura, tradição e carácter sempre acreditou ser povo da terra. Agricultor, pastor e comerciante, percorreu o subcontinente do atlântico ao índico. Promoveu a sua experiência e valor cultural como trabalhador, hospitaleiro e paciente, mas implacável quanto lesado o seu direito. Formaram vários reinos com divisões administrativas circunscritas antes da ocupação colonial de entre os quais do Vye, do Bailundo, do Tchylaka, de Caconda, Benguela etc (GONZAGA, 1962, p. 58).

Na cultural dos Ovimbundu, a vida de um indivíduo é marcada por etapas sucessivas e heterogénicas combinando cada, a uma categoria do nascimento, de iniciação (masculina e feminina), do casamento e da morte. A morte impõe uma passagem de um *status* sobre o outro, uma exclusão (simbolizada pela morte), uma integração ou renascimento, uma mudança profunda e gradual de atitude mental da sociedade em relação ao indivíduo (MELO, 2000, p.19).

Nos Ovimbundu o processo de passagem da vida à morte é acompanhado de certas cerimónias rituais, das várias, o rito funerário encontra-se sempre expresso. Uma das decisivas atitudes de compreender os fundamentos da mentalidade colectiva em cada contexto cultural é a forma como o homem procura enfrentar a morte e dominá-la (MATTOSO apud OLIVEIRA, p. 25).

Assim, os Ovimbundu entendem que a teoria dos ritos surge como uma sucessão ou eixo orientador de todos os acontecimentos sociais respetivos à vida dos homens. Estes actos rituais dirigem o indivíduo da vida à morte, isto é, celebram a vida, promovem as relações de parentesco e homenageam o defundo da passagem do berço ao túmulo (MELO, 2008. pp.13-14).

Os ritos compõem-se de sequências ordenadas é uma conexão prescrita de actos, seguem uma orientação e devem ser exercitados, considerados como elementos das práticas rituais

mágico-religiosas, como Owanga, o culto a Deus e aos antepassados (SATENDE & NGUEVE, 2010, p. 46).

Para os Ovimbundu, o rito funerário não pode ser auto-dirigido, precisa de uma autoridade hierarquizada, quer seja da Igreja, do estado ou de um representante laico do poder relativo à cerimónia. Neste caso considera-se que “o rito mostra a necessidade de uma instância de legitimação” (SEGALEN, 1966, p.41).

É importante referir que o rito funerário nos Ovimbundu continua a ter o seu lugar simbólico e cultural de acordo com a tradição ancestral na sua essência. Actualmente a Igreja e o estado aparecem mencionados no rito funerário como uma adaptação das mesmas a matriz original do rito tradicional Ovimbundu.

Os Ovimbundu entendem que o rito funerário contribui para alcançar a espiritualidade, isto é, partindo do social se atinge o sagrado. A forma como as pessoas se relacionam com o sagrado, caracterizado por um espírito de reverência e por uma atitude própria, não banal, é um acto de ritualização (GOMES, 2008, s/p).

Os Ovimbundu acreditam que o mal da sua existência, o mau destino, as coincidências dolorosas, tudo que causa amargura é obra de poderes nocivos deixados no passado distante pelos seus entes queridos. Admitem que toda a adversidade seja força do mal liberto porque alguém infringiu o código de bom comportamento; assim a maior parte de mortes é causada pela feitiçaria. As técnicas da magia e acusações da bruxaria e da feitiçaria são pretextos da desagregação das famílias, desmoronamento de amizades, eliminação secreta de indivíduos suspeitos ou declaradamente acusadas (MALUMBU, 2005, p. 252).

Para os Ovimbundu o problema da imortalidade fracassada e a morte natural acarretam por parte de rivais a acusações de serem eles os causadores da morte por meio do feitiço (NETO, 1997, p.200).

Não obstante o recurso ao curandeiro (ocimbanda) e ao advinho no caso da morte, os Ovimbundu acreditam nas forças sobrenaturais do benigno (olosande vyovakulo), e malignos (ovilunlu) manipuláveis pelos vivos (espíritos ancestrais). Admitem a existência de indivíduos manipuladores com poderes extraordinários sobre os outros, que podem perturbar ou corrigir a desordem na família e na sociedade (MELO, 2008, p.14).

Estamos de acordo com afirmação de que a morte produz horrores ao homem como a dor do funeral, o terror da decomposição do cadáver, a obsecção da morte. Neste sentido a

emoção, o sentimento da perda do ente querido provoca o traumatismo da morte, a consciência da ritualização do acontecimento da morte é a crença na imortalidade (AMORIM, 1988, pp.32-33).

Quando o cadáver sai da casa para o préstito fúnebre é cercado e seguido de multidão. O choro principalmente das mulheres redobra com períodos melódicos, frases entrecortadas de soluços, cantos, lágrimas, lamentações como “ai meu tio me deixou!”, “ai nunca te volto a ver!”, até se perderem num murmurado afável de volta a casa.

Os familiares, amigos, vizinhos, obrigam-se a participar desta cerimónia que é marcada por uma série de momentos expressos através de canções, vigílias, gestos, elocuições verbais, manuseamento de objectos, tabús alimentares (MELO, 2008, p 12).

No decurso da cerimónia os coveiros riem, brincam, gracejam e impedem que os parentes do morto caíam em excessiva tristeza, mas não os priva de submeterem-se ao ritual de purificação e protecção. Por costume os familiares mais próximos atiraram um punhado de areia sobre o cadáver na cova como ritual de purificação para não lhes aparecer em sonhos e a sua alma descansar em paz. Durante um período não mais de cinco dias evitavam-se relações sexuais para todos que assistiram ao enterro quer sejam parentes ou não. A violação deste rito supõe-se que a ira do defunto volta sobre a comunidade causando um mal, como exemplo, a infecundidade aos jovens.

Na perspectiva de Victor Turner (s/d), o cadáver apresenta sinais exclusivos, «escapa as classificações sociológicas porque está numa situação entre dois; está morto no mundo dos vivos, e muitos rituais assinalam estes novíços aos espíritos ou as almas do outro mundo» (SEGALEN, 1966 p. 45).

Era uma prática social os Ovimbundu enterrar os mortos no terreiro da aldeia e os recém-nascidos num túmulo de salalé, no recontro de caminhos onde depositam um Cântaro de água. Van Gennep (1967) considera que “as cerimónias têm tendências de cair em desuso em situações modernas, onde a base material da vida separa as funções sociais”. (GENNEP, 1967, p.38).

Depois de um ano celebra-se a cerimónia funébre. É a crença que até então o morto viveu a entrada da aldeia, só nesta altura parte definitivamente para o reino dos mortos, onde viverá eternamente com os seus antepassados. Julga-se que ao longo deste período a carne foi devorada pelos vermes ficando exclusivamente os ossos. Com o desaparecimento da carne

idealiza-se que o morto partiu para a outra dimensão. Assim a morte é uma fase imponente da vida. Na morte o homem absorve a totalidade da sua vida (MONDIN, 1979, p.307).

A cerimónia tradicional anual do “tira luto” (distintivo que simboliza infelicidade), é a data especial de purificação que serve para levantar o embargo das viúvas ou viúvos em manter afinidades sexuais, assim como autorizar-lhes para o outro casamento. Os ritos são elementos de coesão social e de respostas aos desafios culturais (GONSALVES, 1997,285).

Segundo ALTUNA (2003, p. 321), as cerimónias do luto abarcam dois objectivos: o rito de iniciação e o rito de defesa. A iniciação ritual é caracterizada por duplo momento, da morte outro da ressurreição, este aspecto faz com que os enlutados participem do acto. O de defesa contra a morte centra-se nos banhos, a blusões, renúncia a certos alimentos e ao sexo.

Realiza-se a festa cerimonial tradicional que é anunciada com antecedência aos parentes, membros da aldeia e das aldeias de longe. Estes vão se acompanhando de alguns bens alimentares (galinhas, cabritos, farinha de milho, etc.), para ajudar na refeição ritual. Desta forma podemos entender que a vida é uma questão a ser tratada como facto social (MENEZES, 2001, pp.98-99). 51

As crenças mortuárias têm um dia específico dos mortos ou dos defuntos, os mais importantes das manifestações do património angolano com representações culturais mais antigas entre os povos de Benguela. A sua dimensão estética e cultural deve ser preservada. Esta celebração anual recorda o lugar do indivíduo no seio do grupo e a afirmação da sua identidade. As visitas aos cemitérios são acompanhadas com comidas e bebidas, de orações e recordações dos que já morreram, com momentos de manifestações de rituais tradicionais.

Podemos concluir que os ritos são acções da actividade humana presentes em todas as culturas, comunidades e civilizações. Nos ritos descobre-se a riqueza sobre a essência do ser humano.

2.10. Utilidade dos Ritos Fúnebres

Para alguns o rito funerário explica a morte como algo irrelevante, uma vez que a alma e o espírito dos mortos continua a viver no outro mundo, a crença de ressurreição e reencarnação no dia do juízo final, fazem que as pessoas sintam que a morte não é definitiva, pode ser seguida de uma reparação na terra ou uma fase passageira na contínua roda da existência vital (TITIEV, 2009, p. 319).

Os Ovimbundu sabem que pela morte se nasce de novo, vai existir doutra forma. A morte não se pode separar da vida como antepassado, continua como a fase oposta da vida. Esta mudança exige uma iniciação, um rito de passagem (ALTUNA, 2006, p. 434).

Segundo NAHENDA (2018) citando MONDIN (2013), os rituais funerários fundamentam-se em quatro elementos da cultura: a língua, o costume, a técnica e o valor. A língua serve para que se entendam os conteúdos através do uso da palavra.

Em qualquer cerimónia a palavra tem uma função para que se compreenda os significados ou gestos contidos nos rituais (COLLEYN, 2005.p.186).

O costume é a maneira repetitiva, constante e invariável de transmissão da cultura de geração à outra; a técnica é o procedimento caracterizado pela manipulação de alguns objectos, gestos e linguagem; valores é a inferência de valores psicológicos e sociais (MONDIN, 2013, p.184).

Os quatro elementos referenciados correspondem a variadas formas de acções sagradas, carregadas de conteúdos simbólicos, reverências, isto quer dizer que, o ritual é o lado activo da religião (MARKONI E LAKATOS, 1999, p. 83).

CONCEIÇÃO (2012) considera os ritos como um espaço de construção identitária, porque acompanham sempre o homem em diversas fases da sua vida, tanto para o homem moderno como para o homem tradicional.

Os ritos funerários transmitem uma mensagem, moldam a conduta e comportamento dos constituintes de uma comunidade, logo, têm utilidade social, comunicativa, educativo e psicológico. Passamos a explorar cada um destes elementos:

2.11. Função social dos ritos funebres

Os ritos funerários fazem parte da socialização do individuo. São formas de mobilização para manter as pessoas unidas. Mantem a coesão dos grupos sociais numa determinada cosmovisão. Aliviam a tensão emocional criada por rotura de um dos ritos: nascimento, iniciação, morte. Garantem segurança ao individuo e ao grupo, orientam a conduta, explicam as culpas e fornecem certezas. Os ritos da morte surgem como elementos reorganizadores da sociedade depois de um momento de crise, caos, desordem provocada pela morte (TITIEV, 2000, p.319).

A morte é um drama que suscita conflitos entre os membros na família. Como diz o velho adágio “não há morte sem culpado”. Os ritos aparecem na perspectiva de sensibilizar, acalmar, reorganizar, resolver os conflitos, reproduzir as relações sociais (BARBOSA, 2013, p. 128).

O grande contributo do rito funerário é de manifestar o sentimento de respeito pelo seu antepassado, de reconhecer a sua aceitação na comunidade, importância no seio familiar, conservar os rituais pelo seu valor educativo, a cerimónia representa momento de reflexão, despedida, homenagem, onde os parentes terão conhecimento da causa do desaparecimento físico do ente querido (DANIEL, 2014, p.29).

2.12. Valor comunicativo dos ritos funebres

Segundo LIMA et. al (1991, pp.137-138) o rito funerário mantém a cultura íntegra e estabelece uma ligação com o passado dos indivíduos envolvidos para que eles revivam experiências dos seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetir, mantêm e estabelece uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajuda a funcionar harmonicamente. Quer dizer que os ritos funerários nas diferentes épocas estabelecem a ligação entre o passado, presente e os tempos vindouros. Através dos ritos se sabe como os ancestrais tratavam dos seus cadáveres.

2.13. Função educativo dos ritos funebres

TYIEVELEKO (2012) explica que o rito funerário representa o momento de reflexão, homenagem ao defunto, despedida e tomada de conhecimento da causa do desaparecimento físico do seu ente querido. Manifesta sentimento de respeito do seu ente querido pela aceitação no seio familiar, na comunidade, conservar os rituais pelo seu valor educativo, promove as relações de parentesco (DANIEL, 2014, p.29).

A utilidade educativa consiste no cultivar dos valores de parentesco tais como piedade filiar, lealdade familiar e continuidade da linhagem familiar. Portanto, o culto dos mortos é uma prática baseada na crença que o falecido tem uma existência contínua e possui a capacidade de influenciar a sorte aos vivos. É lembrar, agradecer e tornar mais infalível à presença do ente supremo (FERNANDES e KUTASSI, 2009, s/p)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para uma boa pesquisa e satisfação académica é necessário que tenhamos técnicas e métodos para a efectivação do mesmo elaborando vários tais como; Teórico e Empíricos.

3.1. Métodos Teóricos

I. **Consultas bibliográficas**, consiste na recolha de informações a partir de obras já existentes, (livros, jornais, artigos científicos já publicados), sobre o assunto em estudo ou em destaque.

II. **Comparativo**- Este método permitiu-nos comparar a realidade funebre no passado, nos dias de hoje prespectivar as mesmas no futuro.

III. **Análise e síntese**-Utilizamos este método, na prossecução de dados partindo de uma análise que nos levou a uma síntese.

IV. **Histórico-lógico**-utilizamos o método histórico-lógico, para manter coerência argumentativa sobre o assunto em abordagem.

3.2. Métodos Empíricos

Podemos considerar como aqueles que permitem, comprovar materialmente ou experimentalmente os factos a serem estudados. Para o mesmo trabalho usaremos a **observação e a entrevista**.

I. **Observação**: permitiu-nos apurar a realidade funerária dos povos ovimbundu, em diversas localidades no município da Caála, retirando assim informações e dados uteis para o nosso trabalho de final de curso.

II. **Entrevista** este método consistiu na aquisição de informações sobre o o assunto da valorização dos actos funebres na cultura Umbundu através de pessoas conhecedoras do assunto com elaboração de questões de forma oral.

III. **Inquéritos** foi graças a este método que tivemos o privilégio de fazer uma recolha de dados que serviu-nos na construção de previsões do projecto.

4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Delimitação geográfica do município da cáala.

O município está situado a Oeste do município do Huambo, com uma extensão territorial de 3.680,15 Km², é constituído por 4 comunas, nomeadamente, Caála, Calenga, Cuima e Catata. Nos seus limites territoriais, o município confina-se a Norte a comuna sede da Caála com o município de Ecunha, Comuna Sede, a leste a comuna do Cuima aos municípios de Huambo, Comuna sede e Município de Caconda (Província da Huila), Comuna de Cusse e a Sul a comuna da Catata ao município da Caconda (Província da Huila), Comuna de Chipindo e a Oeste a Comuna da Calenga com a Comuna de Lepi município de Longonjo. Tem uma população estimada em 205.516 dos quais 81.500, é a população laboralmente activa. Possui 399 Aldeias com 390 Autoridades Tradicionais, dos quais 12 são Sobas Grandes, 44 Sobas Pequenos, 283 Seculos e 51 Ajudantes.

O desenvolvimento do Município da Caála iniciou-se com a chegada do caminho de ferro, em 1912. Pertenceu até 1922 à circunscrição do Huambo. Entre 1922 e 1934 pertenceu à circunscrição do Lépi, quando esta foi transferida para a Caála. Em 1956 foi elevada a concelho. Até 1970 designou-se Vila Robert Williams, em homenagem ao magnata britânico Robert Williams que impulsionou a construção do Caminho de Ferro de Benguela. (ANGOLA, 2013 – 2017)

Em 15 de Junho de 1970 passou à categoria de cidade passando a designar-se Robert Williams. Voltou à designação original em 1975. O Município da Caála é o mais próximo ao município sede da província e, depois da sede, é o município com mais unidades comerciais. De salientar que é no Município da Caála, comuna do Cuima onde se encontra um dos empreendimentos importantes do País, a Central Hidroeléctrica do Gove, actualmente já a funcionar.

A matriz religiosa, como herança colonial, é maioritariamente cristã católica, protestante, neopentecostais.

A ausência de nutrientes resulta na utilização constante de fertilizantes químicos e orgânicos que ao longo do tempo causa a acidez dos solos e provoca uma redução na capacidade de produção agrícola. A vegetação é do tipo Miombo ou mata de panda, uma tipologia onde predominam árvores que pertencem aos géneros *Brachystegia*, *Isorbelinia* e *Julbernádia*. Esta formação florestal é o principal tipo em Angola que ocupa cerca de 45,2% da área florestal total, dispersando-se por vastas áreas do país, incluindo as províncias do Planalto Central (Bié,

Benguela, Huambo e Huíla), bem como Kuando Kubango, Moxico, Malanje e Kwanza-Sul (RUSSO, 2007, p.125... SANGUMBE 2014, p.568).

Tipo de Amostragem

A amostragem é do tipo probabilístico, e o critério de selecção foi simples, porque a escolha não foi intencional, mas funcionou apenas o acaso.

População e Amostra

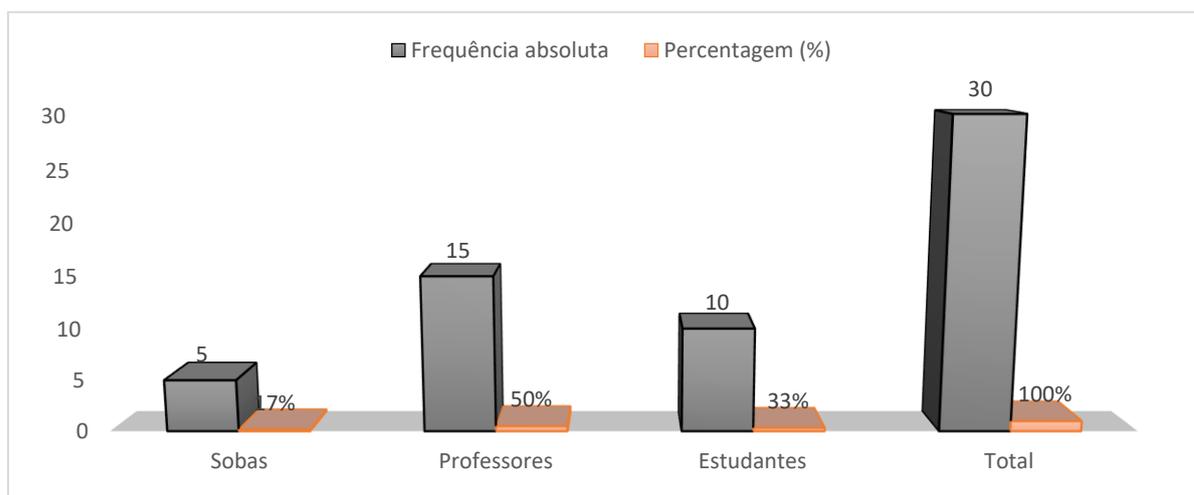
O estudo foi realizado no município da Caála, com uma população proximadamente de 373 mil habitantes, onde tivemos uma amostra de apenas 30 indivíduos, divididos em géneros masculino e feminino com uma idade compreendida entre os 20 aos 62 anos, dos quais os sobas e os munícipes em geral fazem parte, tais como apresenta a tabela abaixo;

Tabela 1. Caracterização dos participantes na pesquisa por género e por idade

<i>Género</i>	<i>Idade</i>	<i>Frequência absoluta</i>	<i>Percentagem (%)</i>
<i>Masculino</i>	20 aos 62	20	67%
<i>Feminino</i>	20 aos 62	10	33%
<i>Total</i>		30	100%

Fonte: criação própria através de dados obtidos na entrevista e pesquisa na mesma localidade, (2023).

Gráfico 2. Caracterização dos participantes por estrato social

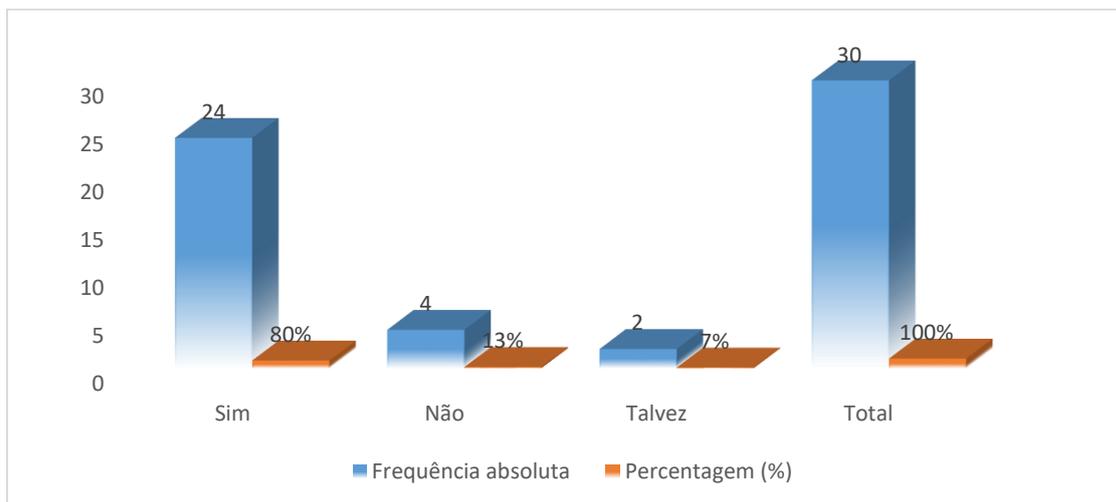


Fonte: Criação própria apartir de dados obtidos nos inquiridos (2023).

O gráfico acima, mostra-nos o número de inquiridos, de acordo ao estrato social, onde inquirimos 30 indivíduos o que perfaz 100%, dos quais 5 autoridades tradicionais (Soba),

correspondente a 17%, 15 professores correspondendo assim 50% dos inquiridos. E 10 estudantes, o que corresponde a 33% dos inquiridos.

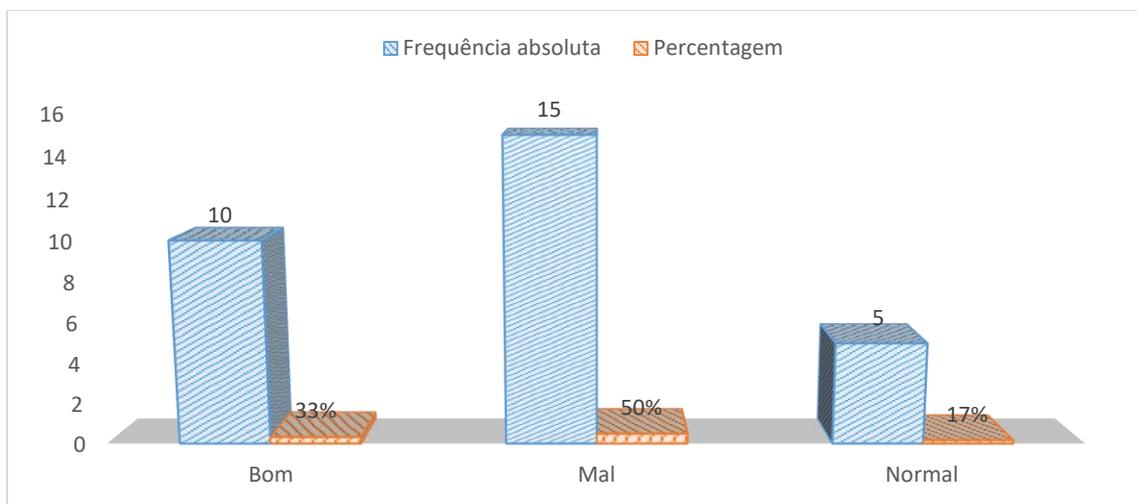
Gráfico 2. Já assistiu um acto fúnebre?



Fonte: Criação própria, através de dados obtidos nos inquiridos.

O gráfico acima, representa os dados obtidos, na questão que dizia Já assistiu um acto funebre? Onde foram inquiridos 30 individuos que perfazem assim 100%, 24 pessoas responderam sim, com um valor percentua equivalente a 80%, e 4 pessoas responderam não, em nunca assistiram nem um acto funebre, com o pendor de 13% na mesma questão, apenas 2 pessoas responderam de forma duvidosa em que as vezes participam de forma insegura, com um dado de 7% dos inquiridos.

Gráfico 4. Qual tem sido o comportamento dos cidadãos nos actos fúnebres?



Fonte: Criação própria, através dos dados obtidos aos inquiridos, (2023).

Actualmente os cidadãos apresentam certos comportamentos que não vão de acordo com normas de uma boa convivência dentro de uma determinada sociedade, ainda para o povo Ovimbundu, daí que o gráfico acima mostra-nos os resultados obtidos na questão que faz uma semelhança ao comentário anterior que dizia Qual tem sido o comportamento dos cidadãos nos actos fúnebres?, onde tivemos uma amostra de 30 inquiridos com um dado percentual de 100%, 10 pessoas afirmaram categoricamente no nosso inquerito, dizendo que as práticas dos cidadãos tem sido boas, com apenas 33% dos inquiridos, 15 pessoas dizem que as práticas que os cidadãos têm mostrado em certas actividades de elógios funebres não deixam a desejar (Mal), perfazendo assim 50% das respostas obtidas nessa questão. E 5 pessoas alegam que as práticas têm sido acautelado de forma a ser reduzido normalmente, com um valor percentual nesta questão de apenas 17%.

5. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

A conservação e a persistência no uso e respeito do rito funerário do povo Ovimbundu do município da caála seria uma iluminada forma de resistirmos aos ventos da globalização e da modernidade de modo a mantermos a coesão e a identidade cultural destes povos.

Traremos conhecimento a cerca dos ritos funerários uma vez que deve-se a escasses de bibliografia, e a falta de debates, palestras assim como da inclusão da temática no programa escolar dos vários níveis de ensino.

Acções para a materialização do projecto

1. Identificação do espaço.

O centro será implantado no município da Caála, na parte oeste da Centralidade Faustino Muteka.

2. Identificação e mobilização do pessoal, mestres, especialistas em construção civil e outros que entendem sobre o projecto.

Inquerir a comunidade local, no sentido de adquirirmos informações suficientes sobre os possíveis mestres, com vista a incorpora-los no projecto.

3. Mobilizar os patrocinador ou investidores para aquisição de equipamentos diversos, kites, para a divulgação e valorização da cultura umbundu.

Pretendemos endereçar cartas de solicitação a comunidade bancária presente no município da Caála e não só, aos empresários locais, no sentido de financiar o projecto e finalmente tirar dividendos com o funcionamento do centro de divulgação e valorização da cultura umbundu, assim, contribuiremos na mitigação do desemprego que tanto assola a comunidade, e a recadar-se-a receitas para o cofre do estado.

4. Criação de regulamentos internos para o funcionamento do centro de divulgação e valorização dos actos funebres na cultura umbundu.

Pretendemos definir normas e princípios que vão reger o bom funcionamento do centro, garantindo relações salutaras com o estado, comunidade e todos que afluírem ao nosso centro, no intuito de buscarem informações, e conhecimento sobre a cultura dos povos ovimbundu.

Estaremos a resolver os problemas das comunidades e sociedade em geral, criando uma empresa de prestação de serviços em diversas áreas como:

Consultoria cultural e outros serviços para actos Fúnebres na zona da codume adjacente à cetralidade Faustino Muteka;

Criação de um centro cultural multicompartimentado para serviços como: restauração, sala de conferências, uma agência de apoio fúnebre;

Prestação de todos os serviços com diversos pacotes em actos fúnebres com todos detalhes possíveis de acordo as nossas tradições, cimentação ou marmorização de campas.

6. CONCLUSÕES

Contudo, com o presente relatório procuraremos salvaguardar a herança do passado quanto aos comportamentos nos óbitos, mas a maioria, tornou-se numa cambada de lobos que só desvirtua a essência deste ritual. Relativamente ao ritual de óbito, algumas práticas demonstram um total atentado não só à cultura como à própria dignidade da pessoa humana. Um rompimento total com os códigos socialmente emanados e que constituem o fundamento das relações sociais. “Antigamente, quando se falava de óbito, as crianças tinham medo de se aproximar e hoje, tudo é diferente” Hoje, é frequente verificar muitos comportamentos que não dignificam um acto fúnebre e alguns até são mais graves que muitas vezes acabam em desencadear mesmo violência em pleno acto, (entrevista a uma anciã – 74 anos feita no dia 22 de Maio de 2023).

Para certas pessoas, antigamente havia muita responsabilidade e hoje nota-se uma certa banalização nos actos de enterro. “hoje, alguns vão embeagados aos óbitos fazendo escândalos. Antigamente respeitava-se os funerais, respeitava-se os bens deixados pela pessoa que parte. Actualmente, por causa do coração tomado pela excessiva ambição vemos mais gente preocupada com os bens materiais e fomos contra todos os valores que davam sentido ao ritual do óbito”. Se não houver uma intervenção por parte das mais variadas entidades e dos organismos vivos da sociedade, poderemos ver isto a piorar estaremos diante de uma catástrofe em termos de valores culturais e aqui, estaremos a baixo dos outros animais sem razão e sem cultura, (entrevista a um catequista da igreja católica Caála 22 de Maio de 2023).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTUNA, R. R. *Cultura Tradicional Bantu. Instituição Missionária*, Pia Soc. Filhos de São Paulo Angola, 2006.

Editora Conceitos. Conceito de Morte. Em <https://conceitos.com/morte/>. São Paulo, Brasil, 2013.

ALARCÃO, M. *(Des) Equilibrios familiares*. Instituto Superior Miguel Torga, 2000.

BARBOSA, Francisco José. Nas fronteiras da liberdade: colonização, descolonização e ritos fúnebres na Angola contemporânea. Tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC. Capelo, H. & Ivens, R. (1882). *De Angola A Contra-Costa: Descriçao de uma viagem atraves do Continente Africano*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. I e II.

SILVA, E. A.; Carvalho, M. J. Educação em Angola e desigualdades de género. Acta do X Congresso Internacional Galego-Portugues de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho (978-972-8746-71-1, 2401-2416, 2009.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Tradução de Celso Castro. 6ª ed. Rio de Janeiro.

BIBLIA SAGRADA, Antigo e Novo testamento (1974)- Sociedade bíblica unida, Grã-Bretanha. GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA nº 29. Editorial Enciclopédia, Lisboa- Rio de Janeiro, 1966.

CHILDS, G. M. *Umbundu Kinship na Character*. Oxford University Press, for the International African Institute, London, 1949.

DANIEL, H. E.. *Dicionario de umbundu*. Lisboa: Naho, 2002.

DANIEL, J. M. F.- Reflexão sobre o ritual fúnebre no contexto cultural da comunidade Ovamuila da Chibia. Proposta de enriquecimento dos conteúdos de Antropologia do 3º Ano no curso de História do ISCED-Lubango. Lubango, 2014 .

DIAS, P. R. C. Ritos e rituais - Vida, morte e marcas corporais; A importância desses símbolos para a sociedade, 2010.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESTERMANN, Carlos. *Etnografia do sudoeste de Angola. Vol. 2: Grupo étnico nhanekahumbe*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1957.

- FIGUEIREDO, X. d. *Huambo Nova Lisboa: Origem dos Ovimbundu no Planalto Central*. s/d (2ª ed.). Ed. Monitorius, 2014.
- GENNEP, A. V. (1960). *Os rituais de passagem*. Apresentação de Roberto Da Matta. Petrópolis: Vozes, 1960.
- GENNEP, V. Os ritos de passagem. Petrópolis: editoras vozes, 1961.
- GOMES, Armindo J. A origem etimológica dos Ovimbundu de Benguela, 1966.
- GONSALVES, J. A dimensão da cultura nas crises de transição. Ngola. Luanda, 1997.
- GUTHRIE, M. *The classification of bantu language*. London: Dawson of Pall Mall, 1962.
- HERTZ, . “Contribución a un estudio”; Alcinda Honwana, *Espíritos vivos, tradições modernas. Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*, Lisboa, Ela por Ela, 2003.
- HENDERSON, L. W. *A Igreja em Angola: Um rio com varias correntes*. Lisboa: Editorial Alem-Mar, 1990.
- LOPES, N. (2011). *Dicionario da antiguidade africana*. Brasil: Civilizacao Brasileira, 2011.
- LIMA, M. A., Martinez B. & Filho L. J. *Introdução a Antropologia Cultural*. Lisboa: Editorial Presenca, 1991.
- MALUMBU, M. Os Ovimbundu de Angola: Tradição económica e cultura organizativa. Edizioni Vivere in. Roma, 2005.
- MARKONE & LAKATOS. *Metodologia de Investigação Científica*. Lisboa/Portugal. Editora Atlas. SP, 2008.
- McCulloch, M. *The Ovimbundu of Angola*. London: International African Institute London, 1952.
- MELO, R. A. J. A morte os defuntos e os rituais de “Limpeza” no pós guerra angolano: Quais os caminhos para pôr fim ao luto. 2008. Melo, R. A. J (2007)- O homemé homem a mulheré sapo: género e identidade etre os Handa no sul de Angola. Lisboa: editora Colibri, 2008.
- MILHARES, M. *Etnografia Angolana: Um esboco para um estudo etnografico*. Luanda: Mensario Administrativo, 1951.

- NAHENDA, A. Rituais fúnebres dos Ovimbundu da Comuna de Cikuma. Lubago, 2018.
- NETO, T. História da Educação em Angola: Grupo nativo, Colonização e a Independência. Zaina Editores, 3ª Edição, 2011.
- NETO, M.C. Entre a tradição e a modernidade: Os Ovimbundu do Planalto Central á luz da História. Ngola- Luanda, 1997.
- NUNES, José O.P. *Pequenas Comunidades Cristãs. O Ondjango e a Inculturação em África / Angola*. Porto: Editora Universidade Católica Portuguesa & Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1991.
- KAVAYA, Martinho. Educação, Cultura e Cultura do “Amém”: diálogos do Ondjango com Freire em Ganda – Benguela / Angola (Dissertação de Mestrado). Pelotas, PPGE, 2006.
- PETTER, M. *Introducao a Linguistica Africana*. Sao Paulo: Editora Contexto, 2015.
- SANTOS, E. *A familia africana*. Lisboa, 1966.
- SATENDE, A. C. & NGUEVE, M. Reflexão sobre reencontro de culturas entre europeus (Portugueses) e os povos Ovimbundu. Monografia- Lubango, 2010.
- SERRANO, E.L. (2004). Vocábulos de base das relações de parentesco Zona K. *Saberes revista eletrônica*, v. 1, 2004.
- REDINHAS, J. Etnia e cultura de Angola. Instituto de Investigação Ciêntifica de Angola e Banco de Angola, 1975.

ANEXOS

INQUÉRITO POR ENTREVISTAS

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito foi criado no âmbito da conclusão da etapa do Curso de Licenciatura em Psicologia, destina-se para a recolha de informações sobre “ O tema: “ **proposta de criação de um centro para a divulgação e valorização da cultura nos actos funébrs no município caála**”.

Agradeço que colabores respondendo com sinceridade as questões, porque as mesmas respostas são de grande importante para a elaboração do meu artigo.

Assinale com X as suas Respostas:

Idade

GÉNERO: MASCULINO FEMININO

1. Já assistiu um acto fúnebre?

a). SIM b). NÃO c). TALVEZ

2. Qual tem sido o comportamento dos cidadãos nos actos fúnebres?

a).BOM b). MAL NORMAL

ANEXO-2



Ilustração nº1.

Foto tirada em um funeral no município da Caála, foto tirada no dia 14 de Julho de 2023, pelas 10h.



Ilustração n°2.

Entrevistando um idoso sobre o processo de funerários nos dias de hoje, foto tirada no dia 21 de Junho de 2023, pelas 14h.



Ilustração nº3

Estado de algumas campas dos nossos ante queridos, localizado na provincia do Huambo, foto tirada no 27 de Junho de 2023 pelas 13h.



Ilustração.4

Fonte: Criação própria através de investigações e dados obtidos na entrevista por inquerito.

Semitério vandalizado, e encontra-se na provincia do Huambo município da Caála, foto tirada no dia 01 de julho de 2023, pelas 14h.